

O CONCEITO DAS DIFERENÇAS NO CURRÍCULO CULTURAL A PARTIR DAS CONCEPÇÕES PÓS-ESTRUTURALISTAS: UMA REVISÃO INTEGRATIVA

THE CONCEPT OF DIFFERENCES IN THE CULTURAL CURRICULUM FROM A POST-STRUCTURALIST PERSPECTIVE: AN INTEGRATIVE REVIEW

EL CONCEPTO DE LAS DIFERENCIAS EN EL CURRÍCULO CULTURAL A PARTIR DE LAS CONCEPCIONES POSESTRUCTURALISTAS: UNA REVISIÓN INTEGRADORA

Guilherme Henrique Bibiano Honório¹

Lucas Emanuel de Oliveira Silva²

Ayra Lovisi Oliveira³

Ludmila Nunes Mourão⁴

Pedro Henrique Lobão⁵

Matheus Benevides Dornas⁶

Hanna Guimarães Santos⁷

RESUMO: Esse artigo buscou analisar como o conceito de diferença é compreendido e abordado no Currículo Cultural da Educação Física, tomando como referência as contribuições das teorias pós-estruturalistas. Para isso, foi realizada uma revisão integrativa da literatura, com análise de dezoito artigos publicados entre os anos de 2019 e 2024, localizados em dois repositórios da área: o Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar (GPEF) e os Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE). Após a seleção dos estudos com base nos critérios de inclusão e exclusão, os dados foram examinados por meio da análise de conteúdo, organizados em duas categorias: fundamentação pós-estruturalista da diferença e concepções das diferenças no Currículo Cultural. Os resultados evidenciaram que essa proposta curricular rompe com perspectivas tradicionais e homogêneas de ensino, compreendendo a diferença como uma construção discursiva, relacional e política. Conclui-se que o Currículo Cultural valoriza os saberes marginalizados, fortalece a justiça curricular e reconhece a multiplicidade de sentidos da diferença no contexto escolar.

Palavras-chave: Pós-estruturalismo. Currículo Cultural. Educação Física. Diferença.

¹Professor de Educação Física na Educação Básica em Juiz de Fora - MG; Licenciado em Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora.

²Professor de Educação Física na Educação Básica em Juiz de Fora - MG; Licenciado em Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora.

³Professora de Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora; Doutorado em Educação Física pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁴Professora de Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora; Pós-Doutorado na Universidade do Porto - FADEUP.

⁵Professor de Educação Física na Educação Básica em Juiz de Fora - MG; Licenciado em Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁶Formado em bacharelado pela Universidade Federal de Juiz de Fora.

⁷Professora de Educação Física na Educação Básica em Juiz de Fora - MG; Licenciada em Educação Física na Universidade Federal de Juiz de Fora.

ABSTRACT: This article sought to analyze how the concept of difference is understood and addressed in the Cultural Curriculum of Physical Education, taking as a reference the contributions of post-structuralist theories. To this end, an integrative literature review was carried out, analyzing eighteen articles published between 2019 and 2024, found in two important repositories in the field: the School Physical Education Research Group (GPEF) and the Proceedings of the Brazilian Congress of Sport Sciences (CONBRACE). After selecting the studies based on inclusion and exclusion criteria, the data were examined through content analysis and organized into two categories: post-structuralist foundations of difference and conceptions of differences in the Cultural Curriculum. The results showed that this curricular proposal breaks with traditional and homogeneous teaching perspectives, understanding difference as a discursive, relational, and political construction. It is concluded that the Cultural Curriculum values marginalized forms of knowledge, strengthens curricular justice, and recognizes the multiplicity of meanings of difference within the school context.

Keywords: Post-structuralism. Cultural Curriculum. Physical Education. Difference.

RESUMEN: Este artículo buscó analizar cómo el concepto de diferencia es comprendido y abordado en el Currículo Cultural de la Educación Física, tomando como referencia los aportes de las teorías posestructuralistas. Para ello, se realizó una revisión integradora de la literatura, con el análisis de dieciocho artículos publicados entre los años 2019 y 2024, localizados en dos importantes repositorios del área: el Grupo de Investigación en Educación Física Escolar (GPEF) y los Anales del Congreso Brasileño de Ciencias del Deporte (CONBRACE). Después de la selección de los estudios con base en criterios de inclusión y exclusión, los datos fueron examinados por medio del análisis de contenido, organizados en dos categorías: fundamentación posestructuralista de la diferencia y concepciones de las diferencias en el Currículo Cultural. Los resultados evidenciaron que esta propuesta curricular rompe con perspectivas tradicionales y homogéneas de enseñanza, comprendiendo la diferencia como una construcción discursiva, relacional y política. Se concluye que el Currículo Cultural valora los saberes marginados, fortalece la justicia curricular y reconoce la multiplicidad de sentidos de la diferencia en el contexto escolar.

2

Palabras clave: Posestructuralismo. Currículo Cultural. Educación Física. Diferencia.

INTRODUÇÃO

Desde o final do século XX, as teorias pós-críticas vêm evidenciando que os currículos escolares não operam de forma neutra, mas participam ativamente da produção, classificação e homogeneização dos sujeitos, ao privilegiarem determinados discursos, saberes e modos de ser em detrimento da multiplicidade cultural presente na sociedade (NEIRA, 2020). Em contraposição a essa lógica de padronização, passam a emergir propostas curriculares comprometidas com a valorização das diferenças, reconhecendo que a escola é atravessada por múltiplas identidades, culturas e experiências que não devem ser apagadas por práticas pedagógicas universalizantes.

No campo da Educação Física, essa discussão torna-se particularmente relevante ao observarmos que a área foi historicamente constituída por diferentes bases epistemológicas que, em grande medida, contribuíram para a formação de corpos disciplinados e identidades homogêneas. Inicialmente, os métodos ginásticos, fortemente influenciados por ideais militares e higienistas, tinham como finalidade a produção de sujeitos saudáveis, obedientes e fisicamente padronizados. Posteriormente, a abordagem esportivista reforçou a centralidade do rendimento, da aptidão física e da performance, reproduzindo valores biologicistas e produtivistas alinhados aos interesses sociais de cada período histórico (OLIVEIRA JUNIOR; NEIRA, 2017). Mesmo com o surgimento de perspectivas como a psicomotora e a desenvolvimentista, que ampliaram parcialmente o olhar para dimensões cognitivas e socioafetivas, ainda se mantiveram limitações quanto ao reconhecimento das práticas corporais e culturais de grupos historicamente marginalizados.

A partir do processo de redemocratização do Brasil, entre o final da década de 1970 e ao longo dos anos de 1980, intensificaram-se as críticas às pedagogias tradicionais, impulsionando o fortalecimento das teorias críticas e, posteriormente, das teorias pós-críticas no campo educacional (AGUIAR; NEIRA, 2016). Nesse movimento, a Educação Física passa a ampliar seu repertório teórico ao incorporar discussões relacionadas à cultura, às relações de poder, à identidade e à diferença, deslocando-se de perspectivas estritamente biológicas para compreensões socioculturais do corpo e do movimento (OLIVEIRA JUNIOR; NEIRA, 2017). Como desdobramento desse processo, emerge o Currículo Cultural da Educação Física, proposta pedagógica formulada a partir de referenciais pós-críticos e comprometida com a valorização das diferenças, com a justiça curricular, com a descolonização do saber e com o combate às práticas de invisibilização cultural (NUNES; NEIRA, 2017).

Essa proposta encontra sustentação em concepções pós-estruturalistas, movimento teórico que surge entre as décadas de 1960 e 1970 questionando as noções de verdade universal, essência fixa e sujeito estável (PETERS, 2000). Influenciado por autores como Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze, o pós-estruturalismo compreende que os significados são historicamente produzidos nas relações sociais, culturais e discursivas, recusando interpretações essencialistas e fixas da realidade. Nessa perspectiva, os conceitos de identidade e diferença deixam de ser entendidos como elementos naturais ou permanentes e passam a ser concebidos como construções relacionais atravessadas por jogos de linguagem e relações de poder (HALL, 2011).

Ao discutir a identidade, Silva (2012) destaca que ela não possui fundamento estável, sendo continuamente produzida por processos simbólicos e discursivos. Conseqüentemente, a diferença também não pode ser compreendida como simples oposição ou desvio da norma, mas como efeito dessas mesmas relações que classificam, hierarquizam e normalizam os sujeitos. As contribuições de Foucault (1979) demonstram que o poder atua como instância produtiva, fabricando verdades e delimitando aquilo que é considerado legítimo ou desviante; Derrida, por sua vez, evidencia a instabilidade dos significados e a impossibilidade de fixação definitiva dos sentidos; enquanto Deleuze desloca a diferença para um lugar de criação, multiplicidade e potência. Em comum, tais autores permitem compreender que a diferença não é posterior ao sujeito, mas condição constitutiva de sua própria existência (PETERS, 2000).

Quando articuladas ao campo da Educação Física, essas contribuições permitem problematizar o papel dos currículos na fabricação de identidades normativas. As diferentes propostas curriculares desenvolvidas historicamente na área, mesmo quando afirmavam respeitar a individualidade, tenderam a privilegiar determinados modos de corpo, aprendizagem e comportamento, invisibilizando práticas corporais e culturais não alinhadas aos padrões dominantes (NUNES; RÚBIO, 2008). Em oposição a esse movimento, o Currículo Cultural passa a compreender a escola como espaço de disputa simbólica e de produção de sentidos, defendendo que as práticas corporais dos diversos grupos sociais sejam legitimadas como conhecimento escolar (NEIRA; NUNES, 2009).

Nesse viés, a diferença deixa de ocupar um lugar periférico para constituir o eixo central da ação pedagógica. Ao reconhecer a cultura corporal da comunidade, promover a justiça curricular, defender a descolonização do currículo e combater o daltonismo cultural, essa proposta desloca o ensino da Educação Física de uma lógica homogeneizadora para uma perspectiva que valoriza a pluralidade de vozes, corpos e experiências (NEVES; NEIRA, 2019). A diferença passa, assim, a ser entendida não como problema a ser corrigido, mas como potência formativa e condição para a construção de uma educação mais democrática (NEIRA, 2014).

Entretanto, embora o Currículo Cultural apresente em seus fundamentos a defesa da valorização das múltiplas manifestações culturais e corporais, a tematização da diferença no cotidiano escolar ainda se mostra permeada por tensões, limites e contradições, podendo inclusive reproduzir práticas excludentes mesmo em propostas que se pretendem inclusivas (NUNES, 2018). Diante disso, torna-se necessário investigar de que maneira o conceito de diferença vem sendo compreendido e abordado no Currículo Cultural da Educação Física,

buscando analisar quais sentidos teóricos, políticos e pedagógicos têm sido atribuídos a essa noção nas discussões curriculares contemporâneas.

MÉTODOS

O presente estudo configura-se como uma pesquisa qualitativa de caráter descritivo, que se caracteriza pela exploração e aprofundamento de conceitos e significados. Tal abordagem possibilita a incorporação de diferentes perspectivas, ampliando as possibilidades de análise e interpretação dos resultados, de modo a favorecer uma compreensão mais consistente dos objetivos específicos propostos (RODRIGUES; SACHINSKI; MARTINS, 2022). O trabalho será desenvolvido na forma de uma revisão integrativa da literatura, a qual possibilita reunir e analisar dados provenientes de estudos teóricos e empíricos. Esse tipo de revisão permite definir conceitos, identificar lacunas em áreas de pesquisa, revisar teorias existentes e examinar aspectos metodológicos dos estudos relacionados a um determinado tema (RODRIGUES; SACHINSKI; MARTINS, 2022).

Para a realização da pesquisa, foram selecionados artigos de duas fontes independentes: o Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar (GPEF) constituído em um grupo de pesquisa da Faculdade de Educação na Universidade de São Paulo, que reúne diversos profissionais para colaborar com a produção científica da área, estabelecendo um diálogo com as teorias pós-críticas⁸. E os Anais do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), especialmente no Grupo de Trabalho Temático (GTT) 05 – Escola, em que se configuram como um dos espaços de produção e divulgação científica da Educação Física escolar no Brasil e na América Latina. O evento é organizado pelo Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE), entidade científica que reúne pesquisadores vinculados às áreas da Educação Física e das Ciências do Esporte, desempenhando papel central na promoção e no fortalecimento da pesquisa acadêmica no país. A escolha dessas fontes deve-se ao fato de ambas apresentarem produções acadêmicas significativas e atualizadas que abordam o contexto escolar e as discussões sobre o currículo cultural e as diferenças.

O processo de seleção dos artigos para a realização das análises baseou-se na utilização de descritores específicos: “Diferença”; “Identidade”, “Currículo Cultural”. Devido à configuração do site, que não possibilita a realização de buscas com múltiplas palavras-chave

⁸ Link do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar - GPEF para mais informações: <https://gpef.fe.usp.br/>

simultaneamente, os descritores foram pesquisados de forma individual, sendo os artigos selecionados conforme os critérios de inclusão e exclusão estabelecidos para cada descritor pesquisado. Também foi utilizado um recorte temporal de 2019 a 2024 para refinar o campo de estudo.

Tratando dos critérios de inclusão para a análise dos dados foram selecionados documentos que citam diretamente a diferença com viés pós-estruturalista, estando elencadas a perspectiva do currículo cultural. Já os critérios de exclusão, foram excluídos os documentos que estivessem indisponíveis na íntegra de forma gratuita; documentos duplicados; ensaios e documentos cujo conceito atribuído à palavra “diferença” está desvinculado do viés pós-estruturalista

Para selecionar os artigos, o pesquisador utilizou as palavras-chave no campo de busca das plataformas e dividiu o processo em quatro etapas. Na primeira etapa, foram selecionados todos os artigos que apresentavam as palavras-chave no título ou no resumo. Na segunda etapa, a busca foi filtrada de acordo com o período de tempo definido para a pesquisa (2019 a 2014). Na terceira etapa, após a leitura na íntegra dos textos filtrados nas etapas anteriores, foram selecionados apenas aqueles que estavam diretamente relacionados ao tema do estudo. Na quarta etapa, aplicaram-se os demais critérios de exclusão, com o objetivo de refinar o material analisado.

A análise de dados foi desenvolvida com base na análise de conteúdo proposta por Laurence Bardin onde configura-se como uma técnica que organiza e interpreta textos de forma sistemática, permitindo identificar temas, padrões e significados presentes no material analisado. Por meio dessa metodologia, os dados são agrupados em categorias, o que possibilita compreender como determinadas ideias são construídas nos documentos (BARDIN, 1977). Essa metodologia consiste em três fases: pré-análise, exploração do material e tratamento dos resultados, interpretação e inferência. Após a seleção dos artigos, iniciou-se a pré-análise, onde foi feita uma leitura flutuante do material, tendo um primeiro contato com os conteúdos que serão analisados, formulando hipóteses para as possíveis categorias que irão surgir. Em seguida, na fase de exploração do material, foram recortados trechos que o pesquisador achou coerente com o tema do estudo, o qual, a partir da leitura desses trechos reuniu elementos que compartilhavam características em comum e fez uma categorização referente a essas leituras.

Com isso, na fase da categorização, emergiram duas categorias para facilitar a análise posteriormente: 1^o categoria – “Fundamentação Pós-estruturalista da Diferença”, essa categoria tem como objetivo apresentar a discussão epistemológica sobre a diferença com base nos pensadores pós-estruturalistas presentes nas publicações; 2^o categoria – “As Concepções das Diferenças no Currículo Cultural”, essa categoria tem como objetivo analisar nas publicações como a questão das diferenças veem sendo abordadas nas discussões relativas ao currículo cultural. Por fim, como uma subcategoria elencada na segunda categoria temos a análise de como a diferença é incorporada na prática pedagógica.

Durante determinadas etapas do trabalho, utilizou-se a inteligência artificial (OpenAI ChatGPT) com o objetivo de auxiliar na formatação das referências bibliográficas e na organização do quadro contendo os artigos analisados na pesquisa.

RESULTADOS

No que se refere aos resultados das buscas, no portal do Grupo de Pesquisas em Educação Física Escolar (GPEF) foram inicialmente identificados noventa e seis (96) artigos na primeira etapa. Após a aplicação dos filtros temporais correspondentes à segunda etapa, foram selecionados sessenta e três (63) artigos, cuja distribuição anual se apresenta da seguinte maneira: cinco (5) artigos publicados em 2019; treze (13) em 2020; onze (11) em 2021; quatro (4) em 2022; dezenove (19) em 2023; e onze (11) em 2024. Na terceira etapa, a partir da leitura e análise dos resumos, esse número foi reduzido para vinte e dois (22) artigos, e, por fim, na quarta etapa, aplicando-se os critérios de exclusão previamente estabelecidos, obteve-se um total de quatorze (14) artigos selecionados.

No caso do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), que ocorre de dois em dois anos, em função da organização dos trabalhos em anais do GTT-05 Escola, a busca foi iniciada diretamente na segunda etapa, resultando em dezenove (19) artigos, sendo eles: sete (7) publicados em 2019; dois (2) em 2021; e dez (10) em 2023. Após a leitura e aplicação dos critérios de exclusão nas etapas adiante, permaneceram quatro (4) artigos. Sendo assim, após concluir todas as etapas de seleção, considerando os trabalhos do Grupo de Pesquisa em Educação Física Escolar (GPEF) e do Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (CONBRACE), chegou-se a um total de dezoito (18) artigos selecionados para a análise.

Após a categorização na análise dos dados, o pesquisador chegou ao resultado que 07 (sete) artigos se encaixavam na categoria 1 (Fundamentação Pós-estruturalista da Diferença), e

II (onze) que se encaixavam na categoria 2 (As Concepções das Diferenças no Currículo Cultural). Por fim, na etapa de tratamento dos resultados, interpretação e inferência, os conteúdos categorizados foram analisados de modo a permitir uma compreensão aprofundada dos sentidos presentes nos textos. Essa fase consistiu na interpretação crítica dos achados, articulando-os com o referencial teórico e com os objetivos da pesquisa, possibilitando inferências que ultrapassam a simples descrição dos dados.

Para facilitar a visualização dos artigos selecionados para as análises, organizou-se um quadro demonstrando os títulos dos artigos, autores e data em que foram publicados:

Quadro 1- Artigos analisados

Autores	Título	Data
Pedro Xavier Russo Bonetto; Marcos Garcia Neira.	“Educação Física e os Múltiplos Sentidos da Diferença”	2024
Pedro Xavier Russo Bonetto; Marcos Garcia Neira.	“A Educação Física pós-crítica e suas teleologias: entre a valorização da diferença e o sujeito solidário”	2023
Pedro Xavier Russo Bonetto; Rubens Antonio Gurgel Vieir; Clayton César de Oliveira Borges.	“Educação física no Brasil e o encontro com a filosofia da Diferença: ressonâncias de Foucault, Deleuze e Derrida”	2022
Marcos Garcia Neira	“A Abordagem das Diferenças no Currículo Cultural da Educação Física”	2020
Marcos Garcia Neira	“Os conteúdos no Currículo Cultural da Educação Física e a Valorização das Diferenças: Análises da Prática pedagógica”	2020
Hugo Cesar Bueno Nunes; Marcos Garcia Neira	“O Jogo da Identidade e Diferença No Currículo Cultural da Educação Física”	2023
Hugo Cesar Bueno Nunes; Marcos Garcia Neira	“Rompendo com currículos identidades: por uma produção curricular sem imagens”	2020
Hugo Cesar Bueno Nunes	“O Trabalho com a Diferença na Educação Física Escolar”	2021
Thalita Portela; Wilson Alviano Junior	“Linguagens, Culturas e Diferenças no Currículo da Educação Física”	2024
Wilson Alviano Junior	“Currículo Cultural em Educação Física: Por uma Cidadania Ética”	2023
Leonardo de Carvalho Duarte; Marcos Garcia Neira	“Currículo Cultural da Educação Física: A Produção de uma Pedagogia Engajada”	2020
Ricardo Manavello Gardenal; Mário Luiz Ferrari Nunes	“Currículo Cultural de Educação Física, Relatos de Experiência e Perspectivas Foucaultianas”	2023
Marcos Ribeiro das Neves; Marcos Garcia Neira	“O Currículo Cultural de Educação Física: Princípios, Procedimentos Didáticos e Diferenciações”	2019
Flávio Nunes dos Santos Júnior; Marcos Ribeiro das Neves; Marcos Garcia Neira	“Diferença Colonial e o Currículo Cultural da Educação Física”	2023
Roseli Berlmonete Machado; Francine Muniz Medeiros; Lavínia DiLuca; Denise Grosso da Fonseca	“Docência e Diferença no Ensino Fundamental: Do Ensino Remoto ao Ensino presencial em Aulas de Educação Física”	2023

Ana Paula da Silva Santos	“Interculturalidade e Educação Física Escolar: Problematizando as 2023 Diferenças Culturais na Escola”
Marcos Garcia Neira	“Princípios Ético-Políticos do 2019 Currículo Cultural da Educação Física”
Welington Santana Silva Junior; Mário Luiz Ferrari Nunes;	“Currículo Cultural: A 2023 Contraconduta na Ressignificação”

Fonte: Elaborado pelos Autores (2026)

DISCUSSÃO

Nesta seção, será apresentada a análise geral dos artigos selecionados, com o objetivo de compreender como e por que o conceito de diferença se manifesta nas categorias estabelecidas. Inicialmente, será discutida a primeira categoria, que aborda a fundamentação pós-estruturalista da diferença, evidenciando os referenciais teóricos que sustentam esse conceito. Em seguida, será analisada a segunda categoria, que aborda as concepções da Diferença no Currículo Cultural. Por fim, como uma subcategoria elencada na segunda categoria temos a análise de como a diferença é incorporada na prática pedagógica.

9

FUNDAMENTAÇÃO PÓS-ESTRUTURALISTA DA DIFERENÇA

As análises dos artigos que compõem a categoria um, evidenciam a compreensão que o Currículo Cultural compartilha o conceito de Diferença a partir da perspectiva pós-estruturalista, especialmente fundamentada nos pensamentos de Michel Foucault, Jacques Derrida e Gilles Deleuze. Em todos os textos, a diferença deixa de ser um mero produto da identidade ou um desvio do que é considerado normal e passa a ser vista como um elemento que constrói os sujeitos, as relações sociais e dos próprios processos educativos.

Sobre a compreensão de poder no pensamento pós estruturalista, tendo como base os pensamentos de Foucault, os artigos de Bonetto, Vieira e Borges (2025) e Bonetto e Neira (2024), defendem que os discursos escolares atuam como mecanismos de poder que formam e fabricam identidades, classificando corpos e regulamentando comportamentos. Como demonstra o trecho a seguir:

O poder é isso, mas também é uma instância produtiva; ou seja, o poder não só reprime, mas também produz conhecimento, assim como o conhecimento gera novas relações de poder (BONETTO, VIEIRA, BORGES, 2022, p.08).

Embasados nas discussões apresentadas nas publicações podemos inferir que o poder não é apenas algo que limita ou que proíbe, ele produz verdades, conhecimento do que é válido e o que não é. Quando o conhecimento produzido pela escola ou pelo currículo determina certos tipos de corpos, movimentos como corretos, tendem a criar padrões. Ao criar padrões, criam também o que fica de fora deles, ou seja, a diferença. Portanto, como diz Silva (2012) a diferença não é algo natural ou característica individual, ela é efeito de discursos permeados pelo poder que definem o que é normal e o que é anormal.

Ampliando esse conceito de diferença Nunes e Neira (2020), e Bonetto, Vieira e Borges (2025) realçam a ideia de diferença sobre uma fundamentação teórica voltada para a filosofia da diferença de Gilles Deleuze, rompendo com a ideia de que a diferença é uma variação ou uma comparação em relação a identidade. Essa perspectiva aparece explicitamente no trecho em que (NUNES; NEIRA, 2020, p.09) afirmam que “diferença é criar, inventar, repetir, fazer rizomas, proporcionando campo fértil para a realização de encontros que resultarão em devires, um currículo sem imagens”. Nessa afirmação, os autores realçam que a diferença não é o padrão, mas também não é o oposto da identidade, e sim aquilo que gera novas possibilidades de ser e agir. Nessa lógica, a diferença aparece como um desestabilizador de padrões preestabelecidos, produzindo expressões, relações e sentidos únicos.

Outros artigos como Bonetto e Neira (2023) e Neira (2020), discutem diretamente a diferença em estreita relação com a identidade. Nesses estudos, os autores explicitam que não existem identidades fixas ou imutáveis, que todas são relacionais e transitórias produzidas nas relações culturais e históricas. Essas compreensões se alinham com os estudos de Silva (2012) que afirma que identidade e diferença não são elementos fixos, mas sim, processos em constante construção. A diferença nesse viés, não aparece como o produto da identidade ou como sendo a mesma coisa, aparece sendo como o que torna possível o processo de identificação. É somente porque somos atravessados por múltiplas diferenças como gênero, cultura, linguagem que nos identificamos, sempre em constante mudança (BONETTO; NEIRA, 2024)

Ao discutirem o conceito de linguagem, processos de significações e a distribuições de sentidos a determinadas “coisas” baseados nas reflexões dos pensamentos de Jacques Derrida, artigos como de Nunes e Neira (2020, p.13) enfatizam que os sentidos atribuídos a alguma prática nunca estão concluídos, mas sempre em movimento. Ao afirmarem no trecho que “o sentido nunca é fixo, está sempre em deslocamento; não existe identidade pronta, mas processos de significação”, apontam que é impossível definir alguém ou algo de forma permanente,

rompendo diretamente com princípios estruturalistas que realizam discursos essencialistas que enfatizam a existência de conceitos universais. Quando os autores abordam que “a diferença é aquilo que impede que um significado seja definitivo” reforçam que a diferença atua como força que rompe com essa lógica. Assim, ela impede que um único sentido atribuído a alguma coisa se torne uma verdade absoluta, desestabilizando o currículo e os discursos da escola quando tentam determinar o que é certo ou errado.

Ao relacionar os pensamentos de diferença proposto por Derrida com a educação física, as publicações apresentam uma compreensão de que os significados atribuídos as práticas corporais sejam múltiplos, variados e imprevisíveis, nunca reduzindo o corpo a padrões técnicos ou estéticos. (BONETTO; VIEIRA; BORGES, 2025).

Com isso, pode-se destacar que apesar de cada autor pós-estruturalista oferecer uma ênfase diferente, todos chegam a uma compreensão semelhante, vendo que a diferença não é posterior ao sujeito, mas sim aquilo que o constitui. Todos, apesar de linhas teóricas diferentes, olham para a identidade como algo fluido, que sempre está em movimento sendo atravessada pela diferença. Assim como Foucault identifica como efeito do poder, Derrida entende como movimento de significação e Deleuze usa como potência de criação, todos chegam ao discurso, a diferença como potência.

Assim, um currículo tradicional que busca homogeneizar o sujeito, colocá-lo dentro de determinados padrões, trabalha com a intenção de anular a diferença e fixar identidades. Em contrapartida o Currículo Cultural, ao trabalhar com as diferenças no viés pós estruturalista, reconhece a diferença como motor do processo educativo, não apenas acolhendo a diferença, mas sim transformando em princípios éticos-políticos, afirmando que a Educação Física não deve estimular produção de identidades fixas, mas criar condições para que novas identidades fluidas e em constante mudança possam surgir.

CONCEPÇÕES DAS DIFERENÇAS NO CURRÍCULO CULTURAL

Durante as análises dos artigos, pode-se observar uma certa diversidade de como a diferença está sendo inserida no contexto da Educação Física. Essa diversidade mostra que, dentro do Currículo Cultural, a diferença não deve ser tratada como dado biológico ou como condição individual do sujeito. A diferença emerge como produção cultural, histórico e discursiva, constituída nas práticas, nos modos de significar as coisas e nas relações de poder que atravessam o cotidiano escolar.

Nesse sentido, Neira (2020, p.06) reforça a ideia de que a diferença surge a partir da experiências culturais e corporais dos estudantes, ou seja, emerge quando o professor considera as práticas corporais trazidas pelos alunos como um ponto de partida para a prática pedagógica e não como algo inadequado para o ambiente escolar. No trecho mencionado no artigo, relata que “as práticas corporais pertencentes a todos os grupos sociais, independentemente da origem, sejam transformadas em objeto de estudo”. Com base nesse trecho percebe-se que não é o professor que escolhe aleatoriamente o conteúdo, ou por algum tipo de hierarquia esportivas, mas sim pelo contexto cultural dos alunos que orienta o que será estudado. A diferença aparece então quando a escola deixa de impor conteúdos pré-estabelecidos e passa a escutar as vozes, vivências e práticas dos estudantes

Outro artigo analisado reforça que a diferença não emerge apenas das práticas culturais, mas também das tensões políticas que travessam o currículo. Em Nunes e Neira (2023), a diferença aparece associada a conflitos que se materializam no momento em que expressões corporais de grupos minoritários aparecem na prática pedagógica. Os autores relatam que, ao trabalharem práticas culturais LGBTQIA+⁹, africanas ou indígenas, professores frequentemente enfrentam resistência de familiares e da gestão escolar como relatado no trecho: “Responsáveis pelxs estudantes foram à escola reclamar que o professor não está dando aula direito de Educação Física (NUNES; NEIRA, 2023, p.7), demonstrando que as escolas ainda tentam regular quais corpos e culturas podem ser visibilizados. Nesse caso, a diferença aparece como força desestabilizadora, ela rompe e ameaça as estruturas, evidenciando que o currículo é sempre um campo de disputa. Assim, a diferença não é passiva, ela provoca reações, produz tensões e revela as relações de poder que operam nas escolas.

12

A mesma perspectiva aparece no trabalho de Bonetto e Neira (2024), quando os autores evidenciam como a escola opera dispositivos de controle e governo que classificam e organizam os corpos, definindo quem pode ocupar determinados espaços e desempenhar certas ações. Como afirmam, “Louro (1997) também descreve estratégias de controle e governo. Afirma que a escola delimita espaços, servindo-se de símbolos e códigos, ensina o que cada um pode (ou não pode) fazer, separa e institui. Informa o “lugar” dos pequenos e dos grandes, dos meninos e das meninas” (BONETTO; NEIRA, 2024, p. 6) Esse mecanismo discursivo demonstra que, antes mesmo de qualquer iniciação às práticas corporais, já existe um regime de

⁹ LGBTQIA+ é uma sigla que representa a diversidade de orientações sexuais e identidades de gênero, incluindo Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transgêneros, Queer, Intersexo, Assexuais, e outras identidades não-binárias, pansexuais etc., representadas pelo "+".

verdade que define posições e expectativas sobre cada corpo. Assim, a diferença não se manifesta apenas nas características físicas dos sujeitos, mas é produzida por normas que hierarquizam, distinguem e distribuem corpos em lugares específicos dentro da cultura escolar. Dessa forma, a escola participa ativamente da construção de desigualdades ao estabelecer quais corpos são vistos como capazes, legítimos ou apropriados para determinadas práticas.

Nesse mesmo movimento teórico, Bonetto e Neira (2024) reforçam que pensar a diferença implica romper com estruturas que historicamente organizaram hierarquias entre sujeitos, vivências e práticas corporais. Ao ampliarem a compreensão de diferença para além de identidades fixas, os autores defendem que os processos de significação permitem resistências e deslocamentos frente às relações opressivas de poder. Assim, quando práticas corporais pertencentes a grupos historicamente marginalizados, como manifestações indígenas, africanas ou periféricas, são tematizadas, não se enfrenta apenas um desafio pedagógico, mas toda uma trama colonial que definiu, durante séculos, quais culturas seriam consideradas legítimas ou inferiores.

Ao tratar outra temática relacionada a hierarquização de corpos, porém abordando a temática da deficiência, Machado et al. (2023) demonstram que, quando se referem a estudantes com deficiência, a diferença não pode ser compreendida apenas como necessidade de adaptações técnicas nas atividades. Em trecho relevante, os autores afirmam que, “a inclusão [...] pode ser compreendida como uma estratégia social e política que governa os diferentes sujeitos, mas que, também, permanece marcando as diferenças” (MACHADO et al, 2023, p. 2). Essa frase aponta que a prática pedagógica enraizada pela diferença exige uma revisão crítica dos discursos que sustentam a ideia do corpo normal, eficiente e produtivo que são historicamente utilizados para legitimar exclusões na Educação Física. Assim, mais do que ajustar regras ou flexibilizar tarefas para pessoas com deficiências, reconhecer a diferença implica em problematizar as bases epistemológicas da área, desestabilizando esse saber historicamente produzido de uma Educação Física excludente. Trata-se então, de transformar a prática pedagógica, ampliando os sentidos das práticas corporais e desestabilizando as normas que definem quem pode ou não participar de determinadas atividades.

A partir dessas análises, torna-se evidente que a diferença no currículo cultural não é apenas um reconhecimento da diversidade, mas um princípio estruturante que denuncia as desigualdades, tensiona discursos normalizadores, desafia estruturas coloniais. Ela revela que o currículo não é neutro, mas sim um espaço de disputa e produção de sentidos sobre corpo,

cultura, identidade etc. Assim, trabalhar com a diferença exige furar a bolha, desviar das normas que sustentam diversas exclusões na Educação Física escolar.

CURRÍCULO CULTURAL E A INCORPORAÇÃO DA DIFERENÇA NA PRÁTICA PEDAGÓGICA

Nessa seção iremos discutir como o Currículo Cultural da Educação Física age para valorizar as diferenças, buscando compreender como essa perspectiva rompe com lógicas tradicionais e hierarquização de saberes que surgem nas escolas. Nesse sentido valorizar as diferenças é torná-la não apenas parte do currículo, mas sim, o ponto de partida no qual ele será construído. Compreender um currículo nesse viés, é comprometer uma educação voltada para a diversidade e contra discursos hegemônicos e excludentes produzidos historicamente nas escolas.

Com isso, destacando os procedimentos éticos-políticos do currículo cultural os autores Neves e Neira (2019) citam que a dimensão pedagógica e política da perspectiva se manifestam na defesa de um currículo comprometido com a justiça curricular. Ao afirmarem que:

Um currículo elaborado de forma justa mantém-se atento ao modo como se privilegiam certos conhecimentos [...] e atua no sentido de modificar condições de minimização de grupos não hegemônicos (NEIRA, 2019, p. 01).

14

Acabam reconhecendo que o conhecimento não é neutro e que a escola, ao determinar padrões e saberes, acabam fortalecendo a produção de exclusões. Portanto, valorizar a diferença, não é apenas aceitar diversas práticas corporais no currículo, mas identificar as relações de poder que estruturam o currículo num todo. Assim, na prática pedagógica o professor deixa de ser o detentor do conhecimento universal e passa a ser um mediador que cria ambientes para que os corpos silenciados possam ser ouvidos e valorizados.

Citando ainda os procedimentos éticos-políticos, em Neira (2019) a abordagem intercultural é discutida, aprofundando um debate ao problematizar o “Daltonismo Cultural”, conceito utilizado para denunciar as tendências de uma escola que adota uma postura de neutralidade, que na prática, apaga as desigualdades historicamente produzidas. A autor argumenta que, quando a escola tenta tratar todos como iguais, produz práticas que invisibilizam e silencia diferenças que deveriam ser discutidas. Isso se alinha diretamente com o trecho retirado do artigo:

Uma maneira de enfrentar o dissenso é deixando-se influenciar pelo princípio da rejeição ao daltonismo cultural [...] A existência de diferentes culturas no espaço escolar é uma riqueza que não pode ser desprezada nem apagada pela homogeneização ou uniformização (NEIRA, 2019, p. 3)

Assim, valorizar as diferenças segundo o autor significa reconhecer as tensões raciais, étnicas, territoriais, religiosas e de gênero que atravessam o cotidiano escolar. Um currículo voltado para a interculturalidade precisa confrontar as desigualdades estruturais para garantir que diferentes grupos possam se expressar e participar de forma legítima do processo de educação.

Nessa mesma linha, Nunes (2021) discute o mapeamento cultural como um instrumento que auxilia o reconhecimento e legitimação das experiências dos alunos. Ao falar que o professor precisa “olhar para as diferentes práticas corporais que os estudantes conhecem” (NUNES, 2021, p.8), reconhece que cada indivíduo, possui experiências antepassadas, e que diversas práticas corporais podem ter diferentes significados para esses alunos. A diferença nesse caso é potencializada pois cada estudante traz sua própria história, cultura, memórias e sentidos diferentes para determinadas práticas, fazendo com que o currículo se torne um território diversificado e não uma sequência imposta.

Já em Alviano Junior (2023), a valorização da diferença está ligada à participação democrática e à atuação dos estudantes na definição dos temas de estudo. O autor defende que o currículo cultural deve promover “procedimentos democráticos para a definição dos temas”. Essa proposta rompe com o pensamento que o professor deve decidir sozinho o que é válido ensinar, e vai de encontro com uma lógica em que o aluno é um sujeito ativo na construção do processo educativo. Dessa forma, o currículo cultural não apenas acolhe as diferenças, mas cria condições para que elas participem da decisão pedagógica.

Em síntese, as publicações evidenciam que o Currículo Cultural valoriza a diferença pois reconhece a mesma como centro da ação educativa. Ele dá voz aos que são silenciados pela escola tradicional, democratiza a escolha dos conteúdos, promove práticas que confrontam as desigualdades. Ao mesmo tempo que problematiza as relações de poder, ele propõe diversas formas de convivência. Assim, a Educação Física, deixa de ser um campo de normalização e torna-se um espaço onde a diferença não é apenas aceita, mas sim, tratada como uma condição de existência e de conhecimento.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho teve como objetivo analisar o conceito de diferença nas publicações que versam sobre o Currículo Cultural da Educação Física (CC), tendo como centralidade as teorias pós-estruturalistas. Por meio de uma revisão integrativa da literatura a pesquisa evidenciou que o CC se estabelece como uma perspectiva pedagógica comprometida com a valorização da diferença. A diferença, sob um olhar pós-estruturalista, é compreendida como uma construção discursiva, relacional e política e o Currículo Cultural a transforma em princípios éticos-políticos que se opõe a lógica de homogeneização produzido historicamente na Educação Física. O trabalho infere que o CC não se limita a incluir ou tolerar as diferenças, mas sim, a coloca no centro do processo educativo.

A principal contribuição deste estudo é mostrar como o conceito de diferença no Currículo Cultural é articulado com a base filosófica que sustenta essa perspectiva curricular. Trazendo pensadores pós-estruturalistas como Foucault, Derrida e Deleuze, o CC desnaturaliza os conceitos de identidade e diferença, demonstrando que a fixação de uma identidade como norma contribui para uma cultura excludente, produzindo o anormal e o diferente. Dessa maneira, o Currículo Cultural da Educação Física, ao defender as identidades fluidas e em constantes mudanças a partir de processos discursivos, culturais e sociais, rompe com a tradição da área, que buscava um corpo padronizado, saudável e disciplinar para atender os projetos específicos da época.

Com isso, a partir das análises realizadas das publicações presentes no GPEF e no CONBRACE podemos considerar que o conceito de diferença está diretamente relacionado com a identidade enquanto construção discursiva. Os artigos analisados mostram que a diferença aparece nas práticas pedagógicas quando os docentes entendem que as experiências corporais dos estudantes não são únicas, ou singulares e sim diversificadas, marcadas pela cultura, raça, gênero, sexualidade, deficiências etc. Assim, a diferença deixa de ser algo unificado, individual e passa a ser compreendida como elemento constituído por relações de poder que limita quais corpos podem, ou não, ocupar espaços dentro da escola.

Portanto, voltando a problemática central do estudo, qual seria o conceito de diferença que o currículo cultural utiliza? e Como as Diferenças veem sendo abordadas no Currículo Cultural da Educação Física?

Após realizar as análises, podemos perceber que o Currículo Cultural utiliza um conceito plural e diversificado em total diálogo com os pensamentos pós-estruturalistas. A diferença

nesse contexto, não possui uma única definição, ela é sempre situada, relacional e produzida entre sujeitos, discursos e práticas corporais. Em alguns artigos, ela aparece ligada às experiências culturais dos alunos fora da escola, ou em relação às tensões raciais, de gênero ou enfrentamento a homogeneização das normas das escolas. Outras publicações apresentam a diferença como disputa de sentidos sobre quais práticas podem ou não compor um currículo. Portanto, o Currículo Cultural utiliza sentidos múltiplos de diferença, que varia de contexto para contexto, mas mantém em comum uma crítica à homogeneização de determinadas normas e práticas que os currículos escolares impõem nos estudantes.

Por fim, este estudo reafirma que o Currículo Cultural apresenta grandes relevâncias para o campo da Educação Física, propondo uma prática pedagógica que reconhece diversas culturas, experiências corporais e múltiplas relações sociais que constituem o sujeito como um todo. Ao compreender a diferença como centro do processo pedagógico, acabam contribuindo para transformar a escola em um espaço mais justo, democrático e sensível às realidades dos alunos. Portanto, espera-se que futuras pesquisas ampliem esse debate tão importante na área, investigando como professores tem operacionalizado esses princípios na escola, e como a diferença é abordada nas práticas de ensino da Educação Física.

REFERÊNCIAS

- AGUIAR CDA, NEIRA MG. O ensino da educação física: dos métodos ginásticos à perspectiva cultural. In: NEIRA MG (org.). Educação física cultural: escritas sobre a prática. São Paulo: CRV; 2016. p. 69-86.
- ALVIANO JÚNIOR W. Currículo cultural em educação física: por uma cidadania ética. Revista Entreideias, 2023; 1: 95-110.
- BARDIN L. Análise de conteúdo. Lisboa: Edições 70; 1977; 229 p.
- BONETTO PXR, NEIRA MG. A educação física pós-crítica e suas teleologias: entre a valorização da diferença e o sujeito solidário. Revista Brasileira de Ciências do Esporte, 2023.
- BONETTO PXR, NEIRA MG. Educação física cultural e os múltiplos sentidos da diferença. ETD – Educação Temática Digital, 2024; 26.
- BONETTO PXR, VIEIRA RAG, BORGES CCO. Educação física no Brasil e o encontro com a filosofia da diferença: ressonâncias de Foucault, Deleuze e Derrida. Corpo, Cultura e Movimento, 2025; 1: 192-210.
- FOUCAULT M. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal; 1979; 295 p.
- HALL S. A identidade cultural na pós-modernidade. Rio de Janeiro: DP&A; 2011; 102 p.

MACHADO RB, et al. Docência e diferença no ensino fundamental: do ensino remoto ao ensino presencial em aulas de educação física. In: Seminário Internacional de Ciências do Esporte/Educação Física, 2023, Fortaleza. Anais [...]. Fortaleza: s.n.; 2023.

NEIRA MG. Etnografando a prática do skate: elementos para o currículo da educação física. Revista Contemporânea de Educação, 2014; 18: 138-155.

NEIRA MG. Os conteúdos no currículo cultural da educação física e a valorização das diferenças: análises da prática pedagógica. e-Currículo, 2020; 2: 827-846.

NEIRA MG. Princípios ético-políticos do currículo cultural da educação física. In: Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte/Congresso Internacional de Ciências do Esporte, 2019, Natal. Anais [...]. Natal: s.n.; 2019.

NEIRA MG, NUNES MLF. Educação física, currículo e cultura. São Paulo: Forte; 2009; 160 p.

NEVES MR, NEIRA MG. O currículo cultural de educação física: princípios, procedimentos didáticos e diferenciações. FoPeTec – Revista Internacional de Formação de Professores, 2019.

NUNES HCB. O trabalho com a diferença na educação física escolar. Revista Kinesis, 2021: 114.

NUNES HCB, NEIRA MG. O jogo da identidade e diferença no currículo cultural da educação física. Atos de Pesquisa em Educação, 2023.

NUNES HCB, NEIRA MG. Rompendo com currículos identidades: por uma produção curricular sem imagens. Revista Cocar, 2020; 30: 1-16.

NUNES HCB, et al. A diferença no currículo cultural: por uma educação (física) menor. Práxis Educativa, 2017; 2: 464-480.

NUNES HCB. O jogo da identidade e diferença no currículo cultural da educação física. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade de São Paulo, São Paulo; 2018; 157 p.

NUNES MLF, RÚBIO K. O(s) currículo(s) de educação física e a constituição da identidade de seus sujeitos. Currículo sem Fronteiras, 2008; 2: 55-77.

OLIVEIRA JÚNIOR JL, NEIRA MG. O currículo cultural da educação física: entre as teorias críticas e pós-críticas. In: PONTES JUNIOR JAF (org.). Conhecimentos do professor de educação física escolar. Fortaleza: EdUECE; 2017. p. 13-49.

PETERS M. Pós-estruturalismo e filosofia da diferença: uma introdução. Belo Horizonte: Autêntica; 2000; 180 p.

RODRIGUES ASP, SACHINSKI GP, MARTINS PLO. Contribuições da revisão integrativa para a pesquisa qualitativa em educação. Linhas Críticas, 2022; 28: e40627.

SILVA TT. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA TT (org.). Identidade e diferença: uma perspectiva dos estudos culturais. Petrópolis: Vozes; 2012.